

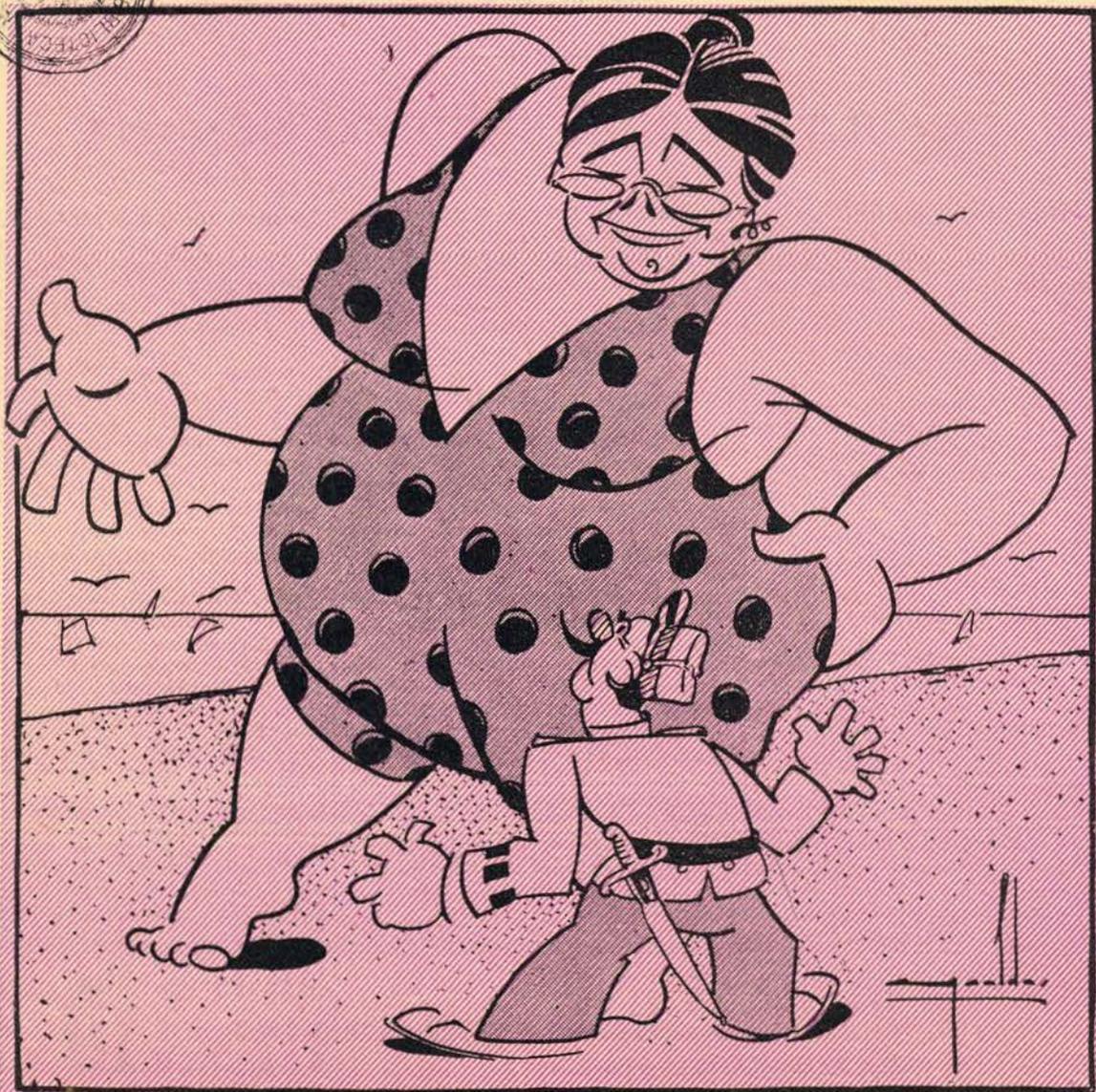
SEMANARIO HUMORISTICO

MOLEZINA

Luiz Caldas

Direcção literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

UMA GRANDE MEDIDA



Os banhos de facto e os fatos de banho

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
(DR. KNOX)

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

GRANDE CONCURSO DE JULHO

PIM - PAM - PUM

A que tóda a gente poderá ainda concorrer, segundo o plano do concurso, que publicamos nos n.ºs 65 e 66.

RESULTADOS DA SEGUNDA SEMANA

Concorrentes com 8 pontos:

Pimpão de Altamina, L. Baía, Francisco Moutinho, M.^a R. Lopes, A. Martins, Maria Rosa Moreira.

Concorrentes com 7 pontos:

Buças, Guicha, Monteiro II, Maria Helena Aguas Neto, Lizé, João Ninguém, Eduardo de Almeida Rodrigues, Domingos Ferreira da Silva, António Dias Ferreira, Maria Manuela, Rodrigues Pinho, J. Fernandes Gama, Bichinha Gata, Zé Lopes, Vasco Amaro de S. e Silva da Costa, A. Lopes, Fuinhas, Maria Alice, Miramar, Miquinhas, Maria Regina, Maria Celeste.

Concorrentes com 6 pontos:

T. A. T. C., Saxies 3.º, Ruy de Altamira, Pirolito, Margarida e Maria, Miky, Evaristo Teixeira, Francisco Teixeira, António Pinto, F. O. Chi., Sécoalho.

Concorrentes com 5 pontos:

Só Darco, Sá Bichão, Rutra Luar, R. Andrade, Pum-Pam-Pim, Otter, Nanachim, Maria Rodrigues, Maria, Cristina de Barros Queiroz, Lafayette, João Rodrigues P. Salvador, Kikinho, Joreca, Francisco Oldemiro Carneiro (Frank Old),

Fernando Coelho, Domingos Sequeira, Domingos Dias dos Santos Nunes, D. Tancredo, Claudino Henrique, Conceição Pereira de Lima (Serigaita), Charlotte, Belmiro António da Silva Pôrto, Aureo Amândio Martins, António Alves Barbosa, António Lopes, Arsénio, António Carneiro, Alcino, Alma até Almeida, Amaral, Rei dos Nabos.

Concorrentes com 4 pontos:

Mabel, Paco, Zangorlipanfas, Schippy, Sou um burguês terrível, Sonates, Sepol, Rogério Vermelho, Rei do Orco, Rossiena, Pirilampo, Pavão Real, Persoune, Maria da Costa Limas, Manuel da Silva Guimarães, Mactoff + Strogoff, + ou, Maria de Lima Reis, Luís Gomes da Silva, Lamize, José Ferreira Tavares, João Afonso Ratão, José Gil Pimentel, José Amadeu Martins de Lima, Joaquim Gonçalves Matias, Joaquim Teles Cabral José de Carvalho, José Rosas da Costa, José de Oliveira, Gertrudes Maria David, Herculano Ribeiro Félix, Gomes de Oliveira, Francisco de Oliveira, Francisco Aug. Ventura, Fé, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Frei Caneca, Emília da Silva, D. Lopi, D. Pilo, Coração, Carlos Baptista, Bucha e Estica, Bellis, Bastos de Oliveira, Angasmi, Adriano X. Nel, Artur de Almeida Barbosa Campos, Albano Santos Coutinho, António Alvaro, António Baptista, António Teixeira de Sousa, Alexandrino Machado, I. A. de O., Moisés Pimenta da Costa, Maria Lígia Pereira, Juca.

Concorrentes com 3 pontos:

Vitorino Rodrigo Correia, Tripeiro, O Homem que nunca ri, Octávia Maria, Max, Maria de Jesus Vieira da Cunha, Manuel de Oliveira, Manuel Figueiredo, Manuel Marques de Figueiredo, Maria Arminda, Maria Laura Campos, Manuel Augusto da Silva Vieira, Luís Sarmento, Luís Oliveira Duarte, Labina, Joaquim de Abreu, Gardina Couto, Flôr de Liz, Fantasma Negro, D. José, D. Quichote, Galma Zé Zé, Altamiro Pinto de Abreu, Arrebenta Concursos, António Augusto, Augusto dos Santos, Alma até Almeida, Auto Marques, Mateus Alves Ferreira.

Concorrentes com 2 pontos:

Soé, Rosa Branca, Rolando Fernandes, Pim-Pam-Pum, Manuel Tavares, Maria Raquel da Cunha Milhano, Manuel de Melo Carvalho Júnior, José dos Santos 24, Joaquim da Silva Tino, João Tino, Joaduim Mesquita de Meneses, Faco, Fernando Manuel Lopes Pinto, Eduardo Lobo de Avila, Delfim de Freitas, Belsai, Artlindo de Araújo Regalho, António Silva, António Castro, Amâncio Peixoto, Amélia Santos, W. X.

Concorrentes com 1 ponto:

Zeus, Zé Elias, Sempre Pronto, João Monteiro de Almeida, Francisco Oldemiro, Carneiro, Eduardo Marques Rebelo, Elvira Rodrigues Silva.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Foi outrodia o Dr. José Maria Rodrigues. E' agora o Dr. Ricardo Jorge. Dois illustres homens de ciência, *doublés* de literatos insignes — ambos professores da Universidade de Lisboa — que atiraram para as ortigas as palmas verdes da Academia, demitindo-se de sócios.

Assevera-se que tóda a gente, uma vez transposto o pórtico augusto da velhice, entra de pensar na morte e no além, tendendo a aproximar-se da religião, que lhes promete a vida eterna. De aí a grande porção de livres-pensadores que, entre os 70 e os 80 anos, ingressam no seio da Igreja Católica. O iconoclasta Gomes Leal morreu confessado e ungido. E o irreverente Guerra Junqueiro, fundibulário temeroso de crenças e dogmas na juventude, levou consigo para o túmulo uma imagem de S. Francisco de Assis.

Da mesma forma, os homens illustres, que grangearam a celebridade mercê de trabalhos científicos ou literários, fazem, a alturas tantas, o seu exame de consciência. Sabem que os aguarda a immortalidade. Mas não ignoram, também, que, apenas eles fechem de vez os olhos, logo sôbre o seu *curriculum vitæ* desabarã um exército de *cocachichinhos*, mascarados de biógrafos, — escarafunchando aqui, escabichando acolá, ávidos de descobrir coisas inéditas. Alguns de elles, porão todo o seu empenho de pesquisadores mais em catar defeitos que qualidades. E parecendo impulsionados pelo desejo de erguer uma figura em tóda a sua grandeza, o que elles fazem afinal é deprimi-la, reduzindo o superhomem em foco, às proporções de um mesquinho pigmeu. E' o que tem acontecido com o pobre Camilo, tão perseguido em vida pelos invejosos e tão perseguido na morte pelos camilianistas. — Antes os negociantes do *Palheiro!* — dirã elle no Empíreo, se acaso no outro mundo "memória de esta vida se consente".

Porque sabem isto — repito — os grandes homens, atingida certa idade, entram de passar em revista a sua existência, no intuito de expurgarem de ella tudo o que possa depreciã-la. Deixar de pé as coisas boas, eliminando as más, — eis a sua mira. Avultarão assim em plena luz aos olhos da posteridade, evitando aos Plutarcos do futuro o velho "nariz de cera" tantas vez:s empregado, de que o sol também tem

manchas. Melhor do que merecer esta desculpa é não lhe dar ensejo. Clarão apenas. Cintilante pedra preciosa, sem pecha de espécie alguma.

Ora, tanto o sr. dr. José Maria Rodrigues como o sr. dr. Ricardo Jorge reconheceram que havia uma nódoa a empanar a sua vida gloriosa. Pertencer à Academia das Ciências de Lisboa — conventículo de mediocridades cultivando o elogio mútuo e a incompetência — seria, para elles, como jaça de sílica em cristal de Veneza. Uma quebra de valor. Quantidade negativa que sem dúvida viria a diminuir o expoente a que os críticos pósteros hão-de com justiça elevã-los.

Demitindo-se, suprimiram essa desvantagem. Emílio Zola pedia a todos

os seus críticos que, para sobressaltarem bem a sua alta figura, registassem, em ultralegível normando, que nunca elle fizera parte da Academia. Dos srs. drs. Rodrigues e Jorge há de dizer-se mais tarde: — "Pertenceram à Academia, mas arrependeram-se a tempo". E como o arrependimento lava tódas as culpas, os dois excelsos sábios serão perdoados, e os seus nomes inscritos no rol dos portugueses a quem a Pátria deve carinho, reconhecimento e veneração.

...Do que jámais hão de gabar-se os vários Rosalinos Cândidos que se fazem fotografar de farda, espadim e bicórnio emplumado.

Marcial Jordão.

Escavações científicas

Ladainha de sempre

Deus seja sempre louvado
E nos livre das calmas d'agosto
E dos raivos de vinho mosto
Que bem cosido não é.
Libera nos, Domine.

De morte dependurada
Súbita e arrebatada
De bôca de espingarda
E de remo de galé.
Libera nos, Domine.

De mau ódio e má vontade
De homem filho de abade
E clérigo filho de padre
E de tóda esta má ralé.
Libera nos, Domine.

De mau falso testemunho
E de mau jôgo de punho
E de quem come verde em junho
E de bofetada de pé.
Libera nos, Domine.

De fogo de maldição
De cartas de excomunhão
De má queda em ocasião
E má topada de pé.
Libera nos, Domine.

De ladrão que sai à estrada
De borracha despejada
De bôlsa que não tem nada
De querer comer e não ter quê.
Libera nos, Domine.

De maus becos e caminhos
De nomem de dous focinhos

De mãe de muitos meninos
Sem se saber quem o pai é.
Libera nos, Domine.

De beijo deão sorrateiro
De frade sem companheiro
E do que sai do mosteiro
Andar de noite e a pé.
Libera nos, Domine.

De clérigos e de frades
Vigários, curas, abades,
Que em casa dos comadres
Fazem o seu finca-pé.
Libera nos, Domine.

De maus melões e pepinos
E de amas de meninos
Como conegos da Sé
E da gente que assim é.
Libera nos, Domine.

De alcaide e de beleguim
De quadrilheiro e malsim
E de outro qualquer juiz
Que desta quadrilha é.
Libera nos, Domine.

Boa vida e sem canseiras
Chuva na horta e sol na eira
Não nos deis enfermidades
Que nos levem a vós de nós.
Te rogamos andi nós.
De vida mui largos anos
E para vestir bons panos
E moças de quinze anos
Sejam tódas para nós.
Te rogamos andi nós.

Um cronista do século 18.

Balancete da semana

Fica um homem atônito
ao ler o nome do aparelho novo
— psicostelohirtógrafemanómetro —
que vai dar que fazer ao pobre povo.
Maior que o palavrão
é a sua função,
consistindo em saber se o paciente
fala verdade ou mente.
Exemplo: vai a compras um criado,
e volta a casa com um dado troco.
Roubou, ou foi honrado?
Sabe-se dentro em pouco,
num brevíssimo instante,
com uma precisão de bom cronómetro.
E' só pô-lo diante
do psicostelohirtógrafemanómetro.
E o psicostelohirtó
diz, de uma forma muito aproximada,
os tostões que roubou,
e se foi na vitela ou na pescada...
Enfim, quem mente é denunciado logo,
pôsto no seu lugar,
seja conservador ou demagogo,
paisano ou militar.
E agora, ao meditar
neste invento de fins apocalípticos
e diversos misteres,
eu fico-me a pensar:
— Coitados dos políticos!
Coitadas das mulheres!

Vai ser julgado em breve o holandês
que pegou fogo ao Reichstag. A alguém
disse Hitler, o tirano berlinês,
que há de ensiná-lo e castigá-lo bem.
E eu, com franqueza, não percebo. Então,
se todo o seu desejo, no momento,
é governar sozinho e sem travão,
com rêdea firme e poderosa mão,
p'ra que diabo quer o Parlamento?

'Stá no Pôrto Teresa Daniel,
Miss Espanha no ano que passou,
— uma escultura digna do cinzel
que outrora o grande Fídias empunhou.
Além de bela, tem a voz sonora,
harmoniosa. Tudo nela encanta:
desde os olhos de aurora
aos lábios e à garganta.
Vi-a passar: tive o desejo atroz
de lhe gritar, com garbo e com meiguice:
— «Não deixe o Pôrto, Miss!
Miss! Fique entre nós!
Quem mostra êsse «salero»
não pode ter aqui transes amargos.
Se lá, na Espanha, há o Largo Caballero,
em Portugal há *caballeros largos*...

Turiddu.

A Academia

A nossa antiga e Real Academia das Ciências anda com o urucubaca. Ainda outro dia lhe fugiu o douto senhor José Maria Rodrigues, e já ontem enfiou pela porta saideira o grande jornalista e extraordinário filólogo Dr. Ricardo Jorge.

Este homem que, além de ser tudo que acima afirmamos, é ainda um sapientíssimo homem de ciência, foi como toda a gente sabe, a cabeça dirigente dos serviços Sanitários no Pôrto ao tempo da peste bubónica.

Nessa altura venceu os incrédulos e venceu os ratos, dizimando-os.

Avaliamos, portanto, do desgosto de sua Excelência ao sair do paraíso *Dantesco* e a dizer aos pêlos das suas barbas:

— «Antes os ignorantes! antes os ratos!... sempre eram melhor peste de animais» e fechar com nojo o portão gradeado, donde espreitariam eternamente os transeúntes, o vitálicio Leitão.

Os Mistérios

Esta coisa dos combóios, das camionetes e dos vapores mistérios, não faz diferença alguma das mulheres.

Antigamente, dizia-se que todo o encanto feminino residia no facto de a mulher se recatar o mais possível, tornando-se misteriosa em tudo, desde o rir até ao pisar as pedras da calçada.

Levantavam-se os poetas à meia-noite para cantar êsse mistério; os escultores trasladavam para a pedra bruta um tornozelo ao léu da fulminha X, e os músicos, passavam as noites inteiras alerta, à volta de nocturnos imorredeiros, para dizerem com *dó*, com sol e em si, que a curva angelical da baronesa era em andante vertiginoso.

Mas os tempos mudaram; a saia curta, a blusa curtíssima e os cabelos muito menos do que isso, tiraram o mistério à mulher, e fizeram dela o que pode chamar-se afoitamente: pão-pão queijo-queijo.

O mesmo sucedeu aos meios de transporte, talvez porque a mulher seja para os homens um *meio de transporte*. Os *mistérios*, que de começo pareceram estar destinados a uma vida eterna, morreram quasi ao nascer, porque hoje em dia já quasi não há ninguém que ande aos foguetes.

Viagem sem saber para onde, não! sejam esplêndidas, extraordinárias, formidáveis. Mas com os diabos! Que vá a gente apenas até Avintes! Mas que nos fique a certeza de que não está lá aquela pessoa a quem devemos dois contos e que fiquemos seguros de que a mãe da nossa mulher anda a banhos noutra parte.

Pergunta a Prémio

Das 25 listas que recebemos com palavras formadas pelas as letras da palavra Marselhesa, segundo a nossa pergunta, aquela que mereceu o prémio oferecido foi a enviada pelo nosso ilustre colaborador *Zé da Sé*, que conseguiu totaizar 417 palavras diferentes.

A' disposição de sua Excelência está o prémio oferecido.

Todos os restantes concorrentes não conseguiram alcançar 300 palavras.

Parabens ao formidável Zé da Sé.

Visitem ESPINHO--Magnífico Casino

PROJEÇÕES DE BRAGA

O Grande Banco da Miséria — O que nos disse um seu Empregado de carteira — Horrores — A Senhora cliente — Filosofia de Cão positivista

Grande Banco da Miséria — é um grandioso quiosque tumular de teto à laia de espuma marítima e fachada negra como a caridade dos *Omnipotentíssimos Espíritos*.

Um dia destes, aproveitando a ausência balsâmica do Piratão-mor da Filial de cá, entramos, antecipadamente condoídos pela fama deplorável que corre desde o Bom Jesus a Maximinos, no edifício pétreo, como se o fizéssemos em catacumba em semi-pirâmide.

Os empregados, viciosamente agarrados aos carimbos de cabo redondo, às letras protestadas (ali tudo protesta) aos livros esborratadíssimos e sentados em bancos de cozinha aldeã, sem fundo e muitos dêles coxos, davam ideia de certa gente que vai todos os anos a Caldelas e que, após a refeição, costuma fechar-se em compartimentos próprios para orações... intestinais.

Ao fundo, o tesoureiro sem ar e sem pé, cercado de vidros fôscos (não sabemos para quê) nem se pode mexer quando lhe dá na republicana gana. Passa a vida, coitado, aos pontapés ao banco e a abanar a caranguejoia vidrada.

A dois passos (creia o leitor que isto é uma forma matemática de dizer) vê-se a secretária do Sr. Gerente, um homem que é do Pôrto e que só vale por ser pouco dado a camisas... zarcas.

— O Sr. ***. — Chamamos nós.

Um empregado levantou-se e dirigiu-se ao balcão, cambando, tossindo e, de quando em vez, espirrando também.

Reparamos nêle: Casaco de cotovelos rotos, sem botões nas calças (e aqui em lugares em que eles tanta falta podiam fazer) alpercatas nos pés de unhas crescidas e barba de mês.

— Que deseja? — perguntou em voz muito baixa. Era da fraqueza.

— Uma entrevista!

— Esperem um migalho.

Foi buscar um banco e sentou-se.

— Queiram começar!

— O que fazem durante o dia?

— Muita coisa. Há aqui nm rapaz que vai de cinco em cinco minutos ao W. C. Coitado, sofre de... falta de ordenado! Um outro salta aos arquivos a olhar para as sopeiras do Flores. O ordenado dêste permite isso.

O nosso maior movimento, — tirando é claro os milhares de cheques que passamos sobre as capitais americanas, como Avintes, Cantanhêde, Vila Verde, Mazagão e Falperra — é ao meio dia, quando agarramos nos chapéus e abalamos para o almôço.

— A que horas fecha o Banco e a que horas saem os Senhores?

— O Banco fecha às 4 horas, mas se às 5 chegar um homem qualquer para receber um cheque, a caixa abre-se como um ouriço caixeiro e o cliente ficou servido.

E' por isso que há menino que vem às

6 horas trocar uma nota de 20\$00 em moedas de tostão.

A que horas saímos? A's 7 horas e pico. Muitas vezes, é triste dizê-lo, o pico é bastante saliente.

A's 5 1/2 por via de regra o serviço finda, mas como os ordenados são grúdos, o Sr. Chefe acha — o que êle precisava era duma acha pelas carótidas — que parece mal sair-se antes do tempo. E' por isso que todos nós temos o tempo.

— E o que fazem então até à hora estipulada por tirania?

— Oh!, muita coisa: limpamos a máquina de escrever, varremos o chão, mudamos os dias aos calendários, acendemos os cigarros aos nossos superiores... pensamos na nossa triste situação e irremediável financeira, etc.

OS MEUS BONECOS

VI

PAMPLINAS



O homem que veio comprovar que a seriedade não passa duma risota.

— Quanto recebe o senhor por mês?

— Eu... Cheguem-se mais para mim!

E, muito baixinho, envergonhado, trémulo: 200\$00!!!!!!...

Encostamo-nos com receio duma vertigem.

— E' verdade — prosseguiu o pobre e se não fôsse o meu velhote (Deus o conserve por muito tempo!) eu teria que, às refeições, adoptar o programa seguinte:

1.º *Almôço*: — Excluído por falta de leite puro.

2.º *Almôço*: — 1 clara de ôvo, 1 amendoim, 1 copo de água e 1 palito.

Jantar: — 1 gema de ôvo, 2 amendoins, 1 copo de água e 2 palitos.

Aos domingos e nos dias feriados poderia talvez melhorar o *menu*:

Almôço: — 1 ôvo de galo, 3 amendoins sendo 1 chocho, 1 copo de água fervida e 3 palitos.

Jantar: — Idem, aspas, 2 copos de água filtrada e 8 palitos de bambu.

Ficamos incomodadíssimos e, cansados por tanta miséria, atalhamos:

— Porque se não vai embora? Vá-se embora!

— Não posso porque sou... budista. Compreendemos o cilício.

Uns latidos nada a propósito fizeram-se ouvir. Olhamos para a porta.

Um cão de luxo resistia aos puxões dados por sua senhora também de luxo.

Ela — Entra comigo aqui, *Kiss*. Vem cá.

O cão — Não entro! E se insistes prefiro deitar-me na linha do eléctrico.

Ela — ?

O cão — Os da minha raça são bem mais felizes. E, se um dia eu entrar nesse Banco há de ser como Fiscal-mor dos ordenados-telegramas.

Reporters Unidos.

Veredictum singular

Por sentença dum juiz,
há dias, num julgamento;
entre o mais que se não diz
por mero retraimento;

Não é crime na Argentina
— nem mesmo contra-vontade —
Dar um beijo a uma menina
no fulgor da mocidade.

Por isso, se por desejo
incontido, acaso algum
mancebo, tiver ensejo...
E vá, — zás, pespeque um beijo,
o crime não é nenhum.

João do Minho.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

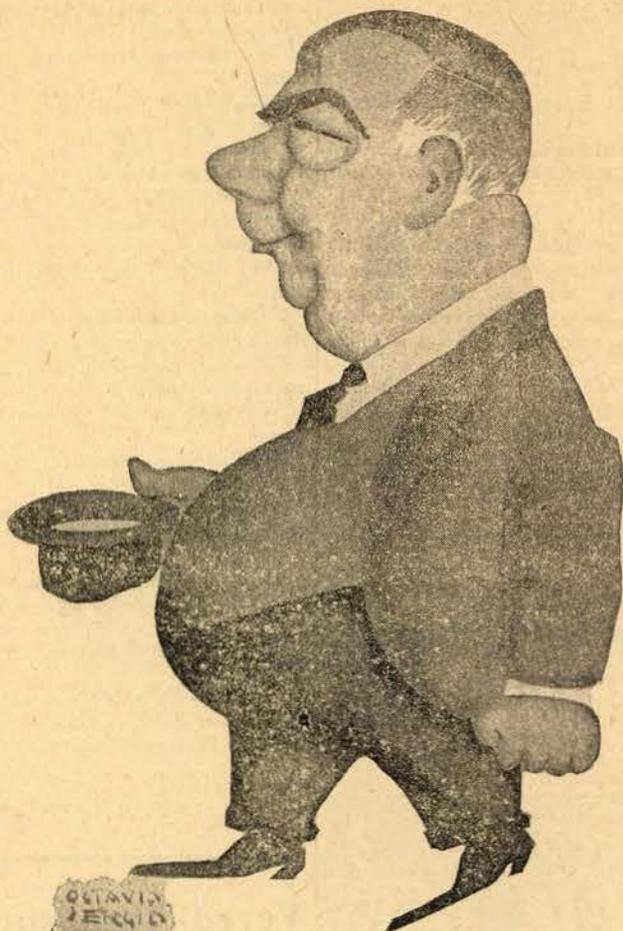
Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

Os "Lusiadas,, ilustrados

VII

DR. QUEIRÓS DE MAGALHÃES



OCTAVIA
JERONIMO
1930

«Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo, e vida a um morto.»

Canto 5.º — LXXXV.

Peças e Fitas

Para darmos publicidade, neste número, a muita matéria que tínhamos aglomerada, bem contra nossa vontade, não publicamos hoje a secção **Peças e Fitas**.

Que nos desculpem os leitores, que, quanto aos autores das peças, de há muito sabem o que são as dificuldades da falta de espaço.

Fazer circular a MARIA RITA,
mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre
:: :: :: em aumento :: :: ::

Feliz achado

Avelãs de Baixo — De voz entaramelada nas guelias e pena tremendo nas mãos nervosas, acorremos a dar aos nossos leitores esta feliz nova.

Como há dias publicáramos, tinha desaparecido há duas semanas de casa dos seus pais a menina Mimosa do Rêgo. Todos os estorços para a encontrar foram baldados. E já os pais, inconsoláveis, se iam habituando a tão cruciante dor, quando hoje foram agradavelmente surpreendidos pela noticia de que sua inocente filha se encontrava de perfeita saúde o muito a seu gosto, em casa do recebedor desta terra que, como bom recebedor que é, a recebeu de braços abertos, oferecendo-lhe, durante êsses dias, cama, mesa e... roupa lavada.

Quando a noticia se espalhou, o recebedor foi muito cumprimentado, tendo o sr. administrador feito um discurso exaltando as suas qualidades e rectidão de carácter, pois parece que êle, de boa vontade e sem exigir qualquer indemnização, vai entregar a menina Mimosa do Rêgo a seus pais. — C.



Tal qual!

Quarto de banho de casa rica. Atarefada, uma parteira ainda em muito bom uso dá banho a uma criança recém-nascida. Ao lado dela, babado, o feliz pai conversa com o seu melhor amigo.

O FELIZ PAI, *sorridente* — E' um amor, não achas? Repara que perfeição de criança!

O MELHOR AMIGO, *deitando o ôlho de ludo à parteira, que não é peste nenhuma* — E', na verdade um amor! Uma autêntica perfeição!

O FELIZ PAI, *derretido, vendo a parteira a ensaboar-lhe o rebento, que tinha nascido mais precisado de sabão que o Dr. Brito Camacho* — E' interessante que todos os meus filhos são assim perfeitos! Autênticas figuras de Murilo! Anjos de carne e ôsso!

O MELHOR AMIGO, *sempre marrado na parteira que já notou a sua insistência e repetindo o final da frase do feliz pai* — ...de carne e ôsso!

O FELIZ PAI, *sempre babado* — Oll'a-me para aquelas feições! Não achas que são o retrato vivo da mãe? (*descrevendo*) A mesma bôca, os mesmos olhos, o mesmo narizito arrebitado...

O MELHOR AMIGO, *distraído* — Sim! Tem muitas parecências! (*cada vez mais distraído*) E' verdade! E'. Nem lhe falta o sinalzito...

Dr. Knox.

O nosso folhetim

O MISTERIO DA RUA DE ENTREPAREDES

Também por falta de espaço, ainda não é neste número que principiamos a publicação d'êste interessante folhetim, pelo que pedimos desculpa ao seu autor e a todos os nossos leitores.

Os impossíveis d'êste mundo

- Afogar alguém nas ondas... de rádio.
- Mastigar os alimentos com os dentes... do serrote.
- Escrever uma carta com um bico... de galinha.
- Voar com as âsas... duma môsa.
- Enxugar o corpo com uma toalha... de água.
- Fazer com uma corda um nó... da madeira.
- Colocar num automóvel uma mola... de gravata.
- Pôr num caixilho um vidro... de relógio.
- Prender um cão com uma corda... de viola.
- Carregar num botão... de rosa e ouvir-se tocar uma campainha... de relógio.
- Passar uma semana sem ler a MARIA RITA;

Alberto Henriques da Silva.

DESCANSO SEMANAL

Coisas da nossa Província — Dos pequeninos nadas, aos enormíssimos todos — O que se escreve e o que se não pode ler

A nossa província, e nesta enunciação pomos de fora o Pôrto, com licença da cidade de Lisboa que também província nos considera, tem coisas impagáveis.

Damos abaixo algumas notas soltas, que por si só dão razão à nossa campanha.

Por exemplo:

Em Aveiro, segundo nos testemunham criaturas da nossa maior consideração, existe uma lápide com a seguinte dedicatória funérea:

*Aqui jaz na campa fria
A filha da mãe que tanto lhe queira.*



Na mesma cidade, onde se instala a única fábrica de lixa nacional; este mesmo estabelecimento fabril ostenta na fachada a seguinte tabuleta:

*Fabrica a vapor de lixa
e outros productos*

Como se fôsse possível montar uma fábrica a vapor de lixa. Lá que a lixa aquece, quando esfregada em certo sítio acreditamos. Agora que esse calor possa produzir vapor, não cremos nem à mão de Deus Padre.



Na vila de Castendo (B. Alta) o povo protestou contra a existência de um cipreste que há anos como fatídico símbolo, se ergue num dos pontos principais da localidade. O povo então, para levar a ridículo a luta camarária, canta os seguintes versos com música de dolente tango conhecido

*Não te quero mais,
Não te posso ver...
Vai p'ro cemitério,
Põe-te já a mecher...*

(e o cipreste assobia...)

*E eu não vou,
E eu não vou,
E eu não vou...
Honro a tradição,
Por isso aqui estou.*

O povo:

*O' ciprestezinho,
Tu não andes mal...
Faz o que eu te digo,
Vai p'ro Cadaval...*

(e cipreste assobia...)

*E eu não vou,
E eu não vou,
E eu não vou...
Assim manda o chefe...
Por isso aqui estou.*

O povo canta:

*Povo de Castendo;
Digno és doutra sorte.
Vai-te esguia arvore,
Qu'és simb'lo da morte...*

(e o cipreste assobia...)

*E eu não vou,
E eu não vou,
E eu não vou,
Já servi d'encosto...
Por isso aqui estou.*

O povo canta:

*Maldito que és tu,
E's o meu enfado...
Mas tu vais morrer.
Cortado a machado...*

(e o cipreste assobia...)

*E eu não vou,
E eu não vou,
E eu não vou...
D. Eufrazia manda...
Por isso aqui estou.*

O povo canta:

*Não te quero mais,
Não te posso ver...
Vai p'ro cemitério.
Põe-te já a mecher...*

(e o cipreste assobia...)

*E eu não vou,
E eu não vou,
E eu não vou...*

(o lenhador):

*Em nome da lei,
Assim eu te'dou...*

O povo canta:

*Acabou o enguiço,
Terminou o azar...
Povo de Castendo,
Já podes dansar...*

H. S.

Esta coisa, que parece um jôgo infantil, traz a povoação de Castendo divididíssima. Uns querem o cipreste no sítio; outros querem-no dali para fora, como se fôsse possível arrancar às entranhas da terra uma árvore que está situada mesmo em frente à câmara.

Por causa da funerária árvore já há quem chama à digníssima edilidade uma câmara ardente.

O sr. Regedor da freguesia de Sabrosa, do concelho de Paredes, está

prestes a ingressar no elenco da douta Academia das Ciências.

Damos em seguida a cópia de um officio, escrito pelo seu *nêvo* punho e autenticado com o respectivo sêlo branco, que temos em nosso poder.

Atestado

Eu abaicho Asinado Rezadore da Fereguzia de Sabrosa do Conselho de Paredes.

Atesto por minha honra que Joaquim dias de Siabera de 70 Anos de Idade é pobres Emdezeno e reside no Logare da Torre desta Fereguzia de Sabrosa e por ser berdade passo o perezente Atestado que bou Acinare

Sabrosa 22 de Junho de 1933

O Regedore

Francisco Ferreira da Cunha Leal.

Não é possível dizer-se mais asneiras em tão pouco papel. Mas é assim, creiam, a elevação das nossas autoridades regedorias.

A *Gazeta* é um semanário que se publica no Funchal. Modesto mas bem feito este hebdomadário tem sabido cumprir o seu papel, e lá de vez em vez, tem coisas lapidares. Transcrevemos um soneto, que não tendo nenhum êrro de metrificação ou de forma, tem no entanto, um especialíssimo cunho de verdade.

A Grande peta...

*Parodia ao soneto do Camões
Alma minha gentil...*

*O' velho integralismo que caiste
Tão cedo em sindical mentira ingente,
Repousa dentro em nós eternamente
E vive cá na grei que em ti persiste...*

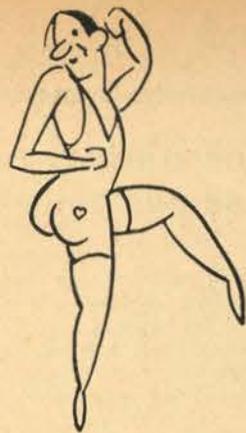
*Se o disfarce de Entrudo que vestiste
Um resto de verdade te consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que em nós, a D. Duarte, sempre viste.*

*E se vires que pode consolar-te
Alguma coisa a dôr que nos ficou
Da magua de esconder te e mascarar-te,*

*Roga ao Preto, o Rolão que te inventou,
Que tão cedo nos traga o D. Duarte
Quão cedo em grande peta te mudou!*

Fralda Azul.

Está certo na metrificação não é verdade?



A' semelhança do que se está fazendo com a Colónia Infantil «Arco Iris», primorosamente instalada nos areais do Castelo do Queijo, tomou a nossa MARIA RITA a iniciativa de fundar também uma outra Colónia, esta para adultos de ambos os sexos, e intitulada também «Arco Iris», pois que tão diversas côres teem os seus componentes.

Descrevamos, pois, em linhas rápidas, o que será essa colónia:

Um novo Senhor da Pedra

Vai ela ser fundada nos extensos areais do Senhor da Pedra e êsses

Conselho:

Minha estimada amiguinha:
Por lhe ter muita amizade
Escrevo-lhe esta cartinha
Com tôda a sinceridade.

Sei que levou p'rá cidade
Uma linda sopeirinha,
Mas não pensou, na verdade,
N'um mal que daí advinha!...

Não deixe a «sopa» à vontade
Isto se a minha amiguinha
Preza a sua felicidade.

Porque, se a deixa sôzinha
Tem esta contrariedade:
Vê seu homem na cozinha!...

Dr. Pretito.

À semelhança da Colónia Infantil «Arco Iris»,

MARIA RITA fundará também uma Colónia

vastos terrenos permitirão que nessa colónia se instalem todos os desportos, desde o nudismo integral de Adão e Eva antes do pecado original (que não é mau desporto), às corridas pedestres, eqüestres, burrestres, ciclísticas, automobilísticas, tourísticas, etc., etc.

As barracas estarão tôdas muito alinhadas e serão muito baixinhas para que, uma vez nelas entrados, os seus habitantes sejam obrigados a deitar-se imediatamente. Ora como cada barraca tem apenas lotação para duas pessoas de sexo diferente e idades aproximadas, estão V. S.^{as} daí a verem o quanto lucrará a Pátria com esta enorme medida, medida que, estamos certos, não tardará em ser copiada por Mussolini.

Serão dispensados os W. C. para usos vulgares, dada a boa permeabilidade que a areia sempre teve.

Haverá apenas um lavatório geral, o mar, uma cama igual, a areia fôfa. As *toilettes* usadas pelos seus habitantes

poderão variar até ao infinito, mas tôdas elas enquadradas dentro da norma: *Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.*

O Arco Iris e suas sub-divisões

Todos os habitantes dessa colónia, como o próprio nome está a dizer, serão divididos em grupos de várias côres, conforme os seus atributos ou predilecções. Assim, haverá:

Os brancos (da côr da mocidade)—Grupo formado pelos mais puros elementos da Colónia, por aquelas, cujas acções morais ou corporais não envergonhem os seus parentes mais chegados, como por exemplo não terem desgraçados mais que duas ou três raparigas ao mesmo tempo, não se terem sujado em roubos de menos de dez mil contos, etc., etc.

Neste grupo terão acesso também os Russos brancos e o emblema da sua bandeira será o cavalo branco de Napoleão.

Os verdes—Este grupo será sul-dividido em *verdes tintos* e *verdes brancos*. Nêle terão ingresso os mais categorizados vinhateiros do Minho e alguns conceituados consumidores dos seus produtos.

As suas barracas poderão ter nomes especiais, como a «Pareira do Minho», a «Palmira», a «Adega do Olho», o «Bem Arranjadinho», etc., etc.

O local para a instalação dêste grupo é o mais vasto de todos, pois temos a certeza do que a inscrição para êle seja feita em massa.

Poderíamos citar já muitos nomes de pessoas inscritas, mas guardamo-las, por uma questão do modéstia.

Os amarelos—Um grupo onde ingressarão todos aqueles que teem pas-

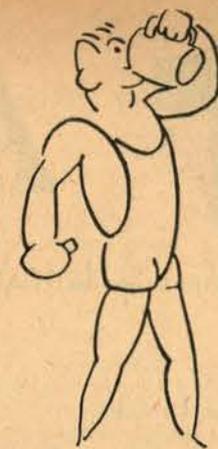
sado a vida a atraiçoar os outros, quer em greves furadas, quer em revoluções mais furadas ainda. O local reservado para êste grupo é quási tão grande como para o grupo anterior.

Os pardos—Neste grupo figurarão as pessoas de posição, opinião e categoria mal defenidas. Será o grupo «côr de burro quando foge», e na sua bandeira poderão ostentar êsse mesmo animal á desfilada. E' também um grupo bem numeroso.

Os azues—Neste grupo será obrigatório o uso de uma camisa especial que não é, podem crer, a camisa de onze varas.

Os castanhos—Dêste nem vale a pena falar. E' um grupo à parte que não quer misturas de qualquer espécie. O emblema da sua bandeira será a figura dum jovem Adonis, numa floresta, entretido a apahnar pedacinhos de pau de um chão fôfo e húmido.

E aqui está exposta embora sucintamente, a nossa Colónia «Arco Iris»,



esperando nós das autoridades constituídas, um auxílio monetário para a breve realização da mesma.

Dr. Knox.

Quadras

Há duas coisas no mundo
Que amarei até à morte;
A primeira é o carrascão;
A outra o cigarro forte.

Quando vejo a «Carne Assada»
A espreitar traz das lanternas,
Dá-me vontade, coitada,
De lhe assar uma das pernas.

Bota-Tudo.

Bizarrias

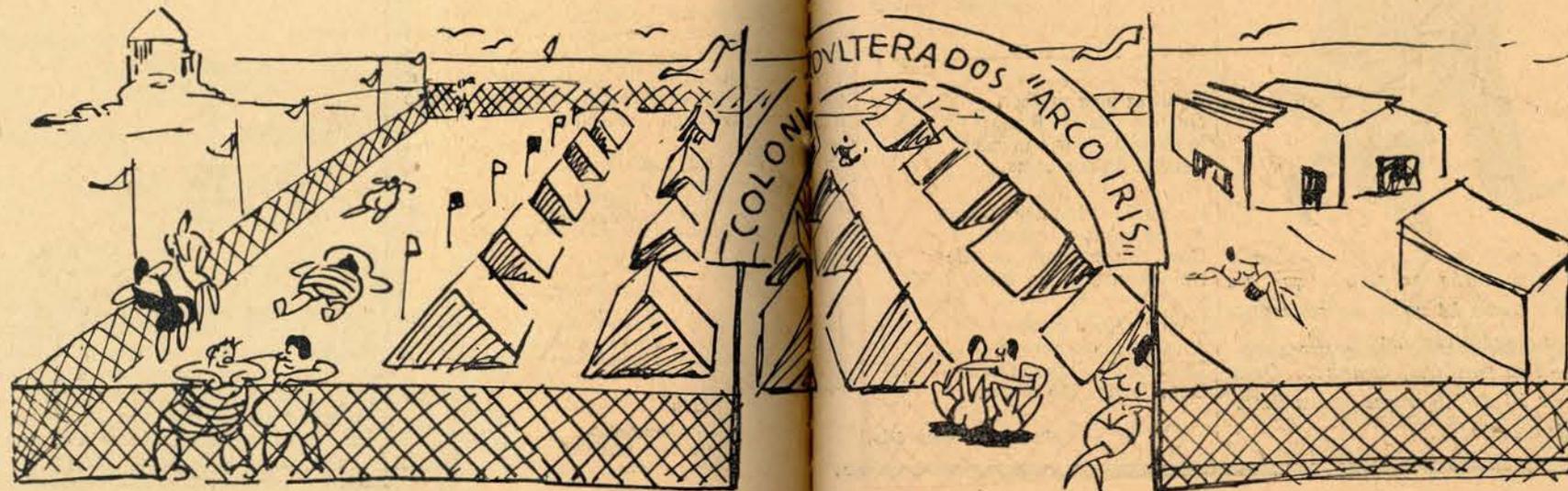
Saira, a passear, o Antunes e a mulher,
(Que andava, por sinal, em estado interessante)
E, olhando as montras, iam parando um instante
Para ver um «dernier cri», novidade qualquer.

E, mirando e olhando, um quarto d'aluguer
E' alvo da atenção da senhora gestante;
Um desejo bizarro, enorme, extravagante
A toma nesse instante e a todo o preço quer.

Que o marido consiga um pequeno cartão
Que tinha, simplesmente, o seguinte letreiro:
«Aluga-se barato, um quarto: Rés-do-chão».

Satisfiz-lhe o capricho a troco de diuheiro
E em paga... hoje é papá d'um belo rapagão
Mas (vejam!...) tem escrito, um quarto no trazeiro.

Dr. Pretito.



ADÃO -- a camisa para os grandes calores

ADÃO -- pai das camisas... modernas

✝ AQUI JAZ

Continuação do concurso da MARIA RITA 50\$00 ao melhor epítáfio publicado

Aqui jaz o Zé Hilário
De quem tôda a gente zomba;
Foi bombeiro voluntário
E morreu a dar à bomba...

Remetente: A.

Uma grande alcoviteira
Jaz aqui neste coval!...
Por levar a vida inteira
Arrastando para o mal
Muita jovem pudibunda,
Condenou-a o Padre Eterno
A' região mais profunda
Lá dos quintos do Inferno!...

Remetente: A.

Aqui nesta campa fria
Jaz um marido ideal:
Noites inteiras dormia,
Nunca à mulher fêz mal.

Remetente: Zé Cagancho.

Esta campa onde encerra
Minha sogra Rosa Lima.
Que lhe seja leve a terra
C'um grande calhau em cima.

Remetente: Mário Soares.

Aqui jaz o carnicheiro
Venâncio Augusto Carriço
Que no ponto derradeiro
Dependurou o chouriço.

Remetente: Tom Mix.

Aqui jaz o carroceiro
António Jorge Nogueira.
No trabalho era o primeiro
A tomar a bebedeira.

E numa manhã gelada
Quando puxava o cavalo
Tomou tamanha "taxada"
Que foi preciso puxá-lo.

Remetente: Monteiro II.

Aqui jaz Serapião
Pinto da Fonseca — Hilbar,
Por alcunha, o Pirlilau,
Morreu a cantarolar.

Remetente: Octávia Maria.

A doce paz



— Que dirão as pessoas que nos
virem? Ainda há pouco me esmurraste
a cara e agora vais tão amável...

— Tem paciência, homem... Quem
nos vir há de julgar que foi um desas-
tre de aviação!...

Aqui jaz o valentão
Francisco José Pestana,
Morreu de uma congestão
Ao tomar a carraspana.

Remetente: Ferrabraz.

Neste modesto retiro
Jaz o flautista *Arauta*;
Deu o último suspiro
Agarradinho à flauta.

Em solos ou em solfejo
De grande mestre deu prova,
E como foi seu desejo
Trouxe a flauta p'ra cova.

Remetente: Otoplaviv.

Jaz aqui no mausoléu,
Debaixo da loisa fria,
Padre Afonso dos Sarilhos.
Para que êle entre no céu:
Padre Nosso; Avé Maria.
— (Homenagem dos seus filhos).

Remetente: Sonates.

Aqui jaz uma mulher,
Que na vida foi Joana;
Morreu de morte macaca,
Deitada na sua cama.

E quando o homem chegou
A casa, após o trabalho,
Comprou um quilo de bife
No seu vizinho do talho.

E com regalo comeu
A carne tão saborosa,
Lembrando a que morreu
Duma forma tão ditosa.

Remetente: Ambrósio.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS:
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395;
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braan-
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242,
Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da
Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Escrevo-te sob uma temperatura inverosímil. Lisboa nunca apanhou um calor assim. No 14 de Maio. Uma senhora que tentou ontem atravessar o Rocio, às 3 e meia da tarde, com dois saltos à Luís XV, ficou plantada de estaca a interromper o trânsito, e só a puderam tirar de lá em palmilhas; — o asfalto, viscoso e mole, não lhe largou mais os sapatos.

Pelas ruas, com camisas decotadas de côres claras não se vêem senão *pãezinhos*, afoqueados e lânguidos.

Dizem que a imoralidade alastra... E é possível. Mas também, quando uma cidade se converte em forno, é natural que os seus habitantes se entreguem a uma panificação intensiva... A culpa é do clima.

Camila Quiroga, a formidável actriz argentina que conseguiu o milagre de conquistar igual admiração no Pôrto e em Lisboa, foi recebida na Sociedade de Autores que lhe ofereceu, em Lisboa, um Pôrto de honra.

Enquanto a esperávamos, Ramada Curto esafogava a sua bilis — ou a sua verve — contra as canículas que nos obrigavam a procurar estrategicamente corredores onde se arrastassem velhas correntes de ar. E teve esta, num momento em que enxugava com mais ímpeto a face contrariada: — Apre! Não há dúvida que Portugal é um país... colonial.

Dspois, à própria Camila Quiroga, num momento em que os desmandos do termómetro voltavam à baía da conversa, disse ainda esta: — Não pode negar que a recebemos... com calor!

E' possível que Ramada Curto tenha tido piadas melhores. Mas não as teve nunca mais heróicas. Conservar, com 39 à sombra, a frescura do espírito — é maravilhoso.

Em certas noites, às 3 e 4 da manhã, teem andado pela Baixa muitas pessoas em fralda de camisa. Não há negar que alastra o movimento hitleriano.

Na Mouraria, em Alfama, em todos os bairros de intensa concentração humana, os moradores não viram más nem boas e trouxeram para a rua os colchões, dormindo ao relento, (admitindo que ainda há relento). Isto é o que dizem os grandes jornais. Mas deve ser carapetão.

Se já foste a Alfama, deves saber como eu que, na maior parte das ruas, — não caberia um colchão.

Um sujeito bem vestido, com a face vermelha, o olhar brilhante, e uma expressão angustiada, entrou uma destas tardes no Governo Civil. Caía sôbre a Capital do Norte Júnior uma onda de labareda imóvel, auriluzente, estagnada. O homem entrou no venerando Governo Civil, e desatou a meter o nariz em quanta repartição e quanto escaninho encontrava; até que, suspeiando dêle, um polícia o interpelou. O sujeito bem vestido, muito sério, disse ao que vinha: — O meu médico recomendou-me que fizesse vida de ar livre... V. Ex.^a não me podia dizer em que calaboiço estará agora o ar livre?... Ou se lhe concederam um quarto particular?... E assim padecemos todos, MARIA RITA. Dispõe do

Tomaz Ribeiro Colaço.

Décimas... relaxadas

Este calor tropical
Que em bica nos faz suar,
Parece querer durar
Até ao mês do Natal!
E assim um pobre mortal
'Stá sujeito a arder em vida.
Mas o que mais me trucidava,
E' ver que a MARIA RITA,
Pode ficar, coitadita,
Com a enxundia derretida!

Porém, no mundo inda existe
Gente de bom coração
E cheia de compaixão
Por quem tem nm viver triste.
Pois, bom leitor, como viste,
O ilustre Tomaz Colaço,
— A quem envio um abraço —
P'ra que a RITA refrescasse,
Mandou-lhe «Fôlhas de alface»,
Já é ser amigalhaço!

(Aveiro).

Olegna.

ANUNCIOS da MARIA RITA

ADVOGADOS especializados em defender causas perdidas. Grande sortido e grande repertório de discursos de defesa e acusação. Preços módicos e verdadeiro segredo profissional.

ALUGA-SE um homem por poucos dias, para servir de pai duma menina de 27 anos completos. De preferência, que seja calvo e tenha grandes bigodes. Paga-se bem.

VENDE-SE um terreno de 9 palmos, próprio para morada perpétua. Livre e alodial. Preço convidativo.

Décimas... dentro do praso

Hoje não pode ser...

A cidade é um braseiro,
Não corre uma ponta de ar;
O calor é de rachar,
E' de escacha-pessegueiro...
Já gastei todo o dinheiro
Que tinha depositado
A tomar café gelado,
Frescas cervejas 'spumosas,
Pirolítos e gasosas...
...Mas fizêi mais encalmado!

Assim, não pode um fulano
Arquitectar versalhada,
Com a mente esbraseada
E a derreter-se o tutano.
O calor fero e tirano
Pôs-me em ponto de espadana
E tirou-me tôda a gana...
— Desculpe, ó *Zé de Artimanha*:
Mas, com *lazeira* tamanha,
Não vai nada esta semana!

Bisnau.

Malandrice

Um malandro, sem igual,
Matou outro, porque quis,
Sem razões: No tribunal
Interroga-o o juíz:
— Lançou-se, assim, veja lá
No crime, fêz-se assassino
Mas porquê? Diga-me cá?
— Porque assim quis o destino;
Mas, sempre quero dizer
Que, embora êste ar ordinário,
Eu gostava mais de ser
Um senhor proprietário!...

Dr. Pretito.

Cacia

baluarte da literatura lusitana,

pela consagrada pena do não menos consagrado homem de letras, Damião.

O «Ecos de Cacia» novamente,
Nos ofrece os pitêus do Damião
Relíquias de saber e perfeição,
Dum paladar soberbo surpreendente!

Por tal razão convido a lusa gente
A honrar tão preclaro anfitrião,
Que num gesto de ingente abnegação
Nos predispõe tão agradavelmente!

Saboreai o «Ecos de Cacia»
Semanário que tanto delicia,
Os leitores daquela região;

E em face dum manjar tão delicado,
Dir-me-eis qual será o desastrado,
Que as rôscas não prefere ao Damião!!!

Rei das Musas.

NÃO HÁ MULHERES FEIAS. HÁ MULHERES MAL VESTIDAS

O TOUCADOR

TUDO O SEGREDO DO AMOR ESTÁ NUM VESTIDO BEM VESTIDO OU VICE-VERSA

Semanário mais do que preciso à cabeceira do tálamo
E QUEM DISSER O CONTRÁRIO É MUDO DE NASCENÇA

Sai aos sábados e não entra se não a altas horas

Director: O MANEL FILHO DO PAIS

PREÇO: muito menor do que o custo de uma ondulação

Minhas senhoras:

Há uma coisa nestes tempos de calor que vamos atravessando, que deve incomodar V. Ex.^{as} mais do que a conta da modista, a lâmina duma espada e as lágrimas de um credor.

E essa coisa que à primeira vista parece um mistério, um milagre, uma incontroversia mesmo, não é mais do que uma simplíssima coisa que do marmóreo corpo vos sai.

Cheira mal e é porco, bem sabemos. Não fica muito bem nos bailes, nas verbenas, nos chás-dansantes ou nos *garden-parties*. Mas é natural, naturalíssimo, e imiscue-se de tal forma nas formas divinas dos vossos tegumentos, que vamos a apostar em como faz parte de vós mesmas.

Essa coisa, minhas senhoras, é o suor.

Honni suar qui mal y pense, já disseram os franceses, quando Napoleão Primeiro tomou as Sandwiches de um trago. E essa frase que ao princípio parecia um lugar comum como a Praça Nova ou a Cordoaria, tornou-se num formidável lema que nos há de levar a todos até ao Conde Ferreira.

«Suar ou não Suar», dizia o *Hamlet*, aborrecido com a porca da vida que se leva ao calvário apenas com o suor do rosto daquele que para nós trabalha.

E hoje que já são passados alguns milhares de anos sobre a catástrofe universal que enlutou todas as distintíssimas famílias do globo, menos a do pai Noé, nós, que somos descendentes desse célebre pai barbaças, descongestionamos as alarmadas órbitas e gritamos com toda a força do calor permanente:

Abaixo o suor!... Viva a limpeza dos sovacos!...



Produtos de higiene

Falamos acima num dos maiores flagelos das nossas senhoras, salvo sejam. Venha a nós!...

E já que esta desgraça é manifesta, resta-nos apenas tentar dar o lenitivo apetecido.

Para evitar o suor dos pés, cujo cheiro não é em nada comparável ao *Humbigant*, o único remédio conhecido é cortar ambos os pés. Depois, não cheiram, e as mulheres só com os cotos, lembram-nos cotovias.

Debaixo dos braços é que é mais difícil evitar o terrível veneno. Há diversos preparados capazes de conjurar este terrível pesadelo; mas o que dá mais resultado, quasi infalível a-pesar-de-falhado, é andar sempre com os braços na posição de continência. Desta forma a ventilação é perfeita, e não há o perigo de contaminação.

Nas restantes partes sudoríferas do corpo humano o único remédio eficaz é suar mesmo.



A Moda

Este verão a moda é qualquer coisa de eminentemente rasgado. Usam-se rasgados os olhos, os gestos e as pseudo-mangas dos pseudo-vestidos. Rasgadas nos ombros, nos cotovelos, a meio dos braços ou rasgadas de todo.

Os chapéus, são só metade do costume, ou uma quarta parte dessa metade quando queiram andar inteiramente na moda.

As meias usam-se baças por todas elas. Esta moda das meias baças é muito cómoda. Quando elas eram luzidias, espelhanças ou brilhantes, davam resultados levados de mil demónios porque conseguiam espelhar o que se não queria.



Receitas ordinárias

Para fazer pó de arroz *exquise*, o melhor meio é comprá-lo. Não faltam por aí marcas excelentes. Na mercearia Camões vende-se ao quilo.

Para tornar as olheiras pretas, ainda não há melhor preparado do que 10 gramas de pólvora dissolvida em ácido azótico. Dá um resultadão e pode ser deitado com um fósforo.

Notas Desportivas

«A mulher e o desporto» é um título que aparece todos os dias nos jornais diários.

Entre nós, felizmente, a coisa vai tomando vulto e vão-se registando dia a dia formidáveis tiradas sobre o assunto.

Ainda há dias tivemos conhecimento de um extraordinário *record* batido por uma dama cá da Invicta. Foi o caso que uma senhora casada há cerca de seis semanas, presentou o marido com um bebé de cinco meses feitos.

E' claro que a façanha foi muito discutida em família, e o marido enganado apenas na idade do neófito e na data do casamento, fêz beicinho e não quis a notícia nos jornais. Há tolices em toda a parte e onde quer se vê um carácter anti-desportivo, ainda que impoluto.



Anúncios

CAMA, COLCHÃO, ALMOFADAS e mais utensílios necessários para quem tiver criado fama e se queira deitar a dormir. Carta a J. D. Academia das Ciências.

ALUGA-SE—Sogra esplêndida para espantar as visitas e afugentar os cobradores. Também sabe morder com os dentes todos. Tem dente sim dente não, em cima. Em baixo tem a mesma orientação mas são descontraídos. Formidável! Carta a Mário F.—P. da Liberdade.

AMAS—Com leite Pasteurizado. Trinta anos de prática. Não são amas aguadas. Uma beleza. Mandam-se a casa do freguês. Pelo correio mais um escudo.

DENTADURA POSTIÇA—Vende-se, porque o seu proprietário não tem que lhe dar a fazer. Está habituada a tudo, desde moedas de cinco tostões até a cobertores de papa. Um achado. Carta a Neves—Rua do Monte dos Burgos.

Albano Ramos Pais & Filho
ALTA COSTURA

ROUPAS BRANCAS PARA SENHORA

Rua Sá da Bandeira, 166 — PORTO

TELEPHONE 4258

Editorial

O perigo das curvas

Ora aqui está outro palavrão que costumam empregar as criaturas que nunca andaram de carrinho.

O Perigo das curvas — Dizem, e até fecham os olhos de susto. E' verdade que também conhecemos alguns automobilistas, daqueles que vão atrás, que ao entrarem nas curvas fecham os olhos de cima. Isto, são, porém, excepções à regra, com as quais não nos importaremos.

O ponto que queremos frisar é precisamente aquele que se refere ao perigo das curvas.

As curvas! Pois se elas são as únicas partes que nos dão o verdadeiro gôzo! Mete a gente o prego a fundo, carrega no acelerador e zás! entra nas curvas. E quando sai delas já se nem lembra do perigo que a *carrosserie* correu, nem de que esteve mesmo à beira do abismo.

Nas rectas é que é o diabo. A gente distrai-se e quando menos espera já deu um bate de queixos. E' claro que tudo isto depende do leito.

Também há quem prefira as bermas julgando que não tem perigos de maior. O pior são as escorregadelas! Ainda se se vai parar ao meio da estrada bem vai; mas quando se dá o caso de sair fora de vez, então é um desconsôlo.

E com isto se comprova esplêndidamente que as curvas não tem perigo. A questão é serem bem lançadas.



Conselhos Práticos

Para evitar o aquecimento do motor

Neste calmosos tempos que vamos atravessando, os motores costumam aquecer tanto como as pessoas crescidas. E quanto mais cavalos mais ardem! Para se evitar o excessivo esquentamento, costumam empregar-se diversíssimos ingredien-

tes todos êles ou menos produtivos. Mas aquele que dá um resultados infalível, um resultado que nada consegue ultrapassar, é meter o motor debaixo de água com umas pedrinhas de gelo.

Desta maneira, evitar-se-á a chamada *gripe* motoral. O que talvez aconteça é o bicho apañhar uma constipação.

Boa conservação das porcas

As porcas, como todo o bom automobilista sabe não são as fêmeas dos porcos; são as fêmeas dos parafusos.

Sustentam-se a si mesmas, e gostam pouco de lavadura, porque isto enferruja-as.

Para as conservar nédias e luzidias, costumam usar-se o seguinte processo: levá-las todos os dias com petróleo Gall, o que lhes faz crescer o cabelo e dá um aspecto delicioso.

Com o tempo é bom também espegá-las com manteiga. E quando já estiverem grandes e bonitas, conservam-se em sal depois de lhe tirar todo o recheio das tripas.

Como deve tratar o seu automóvel

—E' conveniente tratá-lo o melhor possível, porque todos os automóveis são distintos.

Prenda de anos



Ele — *Que desejas, minha querida, que te dê de prenda?*

Ela — *Nada mais que um "Opel" seis cilindros...*

— *Tratá-los por tu é um êrro. Uma timou-sine deve ser tratada por V. Ex.ª, e com tôdas as honras inherentes a uma senhora.*

— Já um *sedan* poderá ser tratado por você que não leva a mal. Quanto aos carros quasi sem *carrosserie* que andam para ai, pode-se dar lhe o tratamento de vocemecê.

— O bom tratamento de um carro, influe imenso na sua conservação. Haja em vista aquelas carripanas antigas, muito altas que parecem guarda-vestidos de espelho. Teem mais de 15 anos e ainda hoje vivem. Porquê? Porque as tratavam por Sua Alteza.



Manual do perfeito automobilista

1.º Nunca emprestes o teu carro a ninguém. Pode ser que os outros tenham a mesma cisma que tu e lá se te vai o carro.

2.º Nunca digas: neste carro não andarei. Ninguém sabe aonde chegará. Nós, por exemplo, conhecemos um fulano que andou de muletas.

3.º Presunção e gasolina cada qual toma a que quer. E é bem certo. E' que nem sempre há o suficiente para comprar 10 litros...

4.º Sê cauto. E se não fores cauto se ao menos acutelado. E' fácil atropelar um miserável transeunte. O que é difficil, é fugir de quem não fugiu de nós.

5.º O Hospital e a cadeia são os dois grandes fantasmas do automobilista. Para o primeiro vão os outros. Para o segundo vais tu, se não souberes apagar o número fugir a tempo.

6.º Se não conheces o código da estrada, não saias da cidade. Não há nada pior do que a gente não saber a quantos anda.

(Continua).



Noticias da última hora

— De Marco de Canavezes, telegrafam aflitivamente, pedindo os socorros do grande desportman Carlos Cunha. Segundo informam, há feridos na estrada.

— O Quelhas Lima, continua com o Windor. E' pena porque sua Excelência estava disposto a entrar num novo *raillie*.

— Dizem que o Dr. Saraiva de Aguiar não voltou a atropelar carro nenhum. Nos meios clínicos o caso é muito lamentado porque êste illustre missionário não almoça bem quando não atropela qualquer coisa.

— Afirmam que o António Antoninho fêz as pases com'o Opel. Deve-se o milagre, segundo apuramos, ao facto de o mesmo cavalheiro andar atarelado atrás de um fato de banho, e só encontrar quem lho emprestasse no *Stand* Rocha Brito.

— O Dr. Knox mudou de carro pela sexagésima vez. Agora tem um cinzento. Dizem, porém, que para a próxima vez prefere o castanho.

O novo OPEL --- o carro preferido pela "elite",



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 19

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

5 DE AGOSTO DE 1933

QUADRO DE HONRA

OTTER

Decifrações do n.º 17: — 1) Pedido; 2) Família; 3) Bizela; 4) prove; 5) Cavo Berde; 6) Carmesse; 7) Somana; 8) Massarico; 9) Catovia; 10) volta a sair neste número por estar incompleta; 11) Balverde, Balde; 12) Tenica, teca; 13) Bicada, Bida; 14) S. João da Pesqueira; 15) Vila Nova de Famalicão; 16) Sobela; 17) Xá das cinco; 18) Quem mais faz menos merece.

Decifradores: Otter, 18; Busina, 16; Otopavlis, 16; Rei do Orco, 16; Reirobi, 15; Kiçai, 13, Só Darco, 12; Feirante, 11; Tripeiro, 9; Fantasma Negro, 9; Monteiro II, 9; Seria, 9; Ferabraz, 3; Sargento Quim, 2.

♦♦♦

Enigma em verso

(1)
Da-se na devida altura,
Dão-se à franca e em segrêdo,
E há muita criatura
Que os dá cheia de mêdo.

Dar um é coisa usual
De quem 'stá desorientado,
Sem se importar do local
Nem dos vizinhos do lado.

Um escapa, sem querer
Por descuido ou distracção,
Mas não se sente o prazer
Como nos da ocasião.

Em grupos dão-se a valer;
Também se dão isolados
Mas quantos por tal fazer
Tem sido bem castigados!

Porém há muito sujeito
Que a dá-los é muí comum;
Mas homens há de respeito,
Que nunca deram nenhum.

Termino agora aqui:
Tem duas sílabas só,
A primeira finda em I
E a segunda em O.

Otopavlis.

♦♦♦

Charada em verso

(2)
O' que linda procissão, — 1
Ia a passar no Desterro!
Majestosa procissão,
A procissão de entêrro.

O Zé Cagancho ia à frente
Com a cruz; e o Rei das Musas
Mais o Lérias sorridente,
Iam com duas enfusas,
Digo, com duas lanternas.
Serigaita ia de anjinho
Ostentando ao léu as pernas.
O Bisnau mais o Godinho,

O Sepol e o Busina
Iam no pálio a agarrar,
Um pálio de sêda fina!
Sob êste o Rutra Luar
O Feirante e o Reirobi;
Todos três em latinório
Cantavam o do-ré-mi,
O Bendito e o Cebolório...
«Rei do Orco num caixão,
Co'o pescoço um pouco torto,
Inspirava compaixão
A fazer de Senhor morto!
Num andar muito bacano
Ia o Monteiro Segundo
Mais Rei Fera, Horaciano,
Este ia de S. Facundo.
O Tripeiro ia na borda, — 2
Rosto magro, muito arisco,
Levava à cinta uma corda,
Fazia de S. Francisco.
Eu então não compar'ci
Nesta grande procissão!
Grande desgosto senti!
Mas... o maldito pifão!...

Olegna.

♦♦♦

Novíssimas

(3)
Investiga, porque na procissão deve
estar o homem. — 2, 1.

Kiçai.

(A ilustre camarada Serigaita, com
um afectuoso abraço)

(4)
Nada lhe agradeci até agora; mas
mais vale tarde que nunca. — 1, 1.

Sepol.

(5)
Estar nesta cidade, faz apetecer a
bebida. — 1, 2.

Nalcefanir.

(6)
Um homem que não sabe discutir
um assunto, não tem método! — 2-2.

Busina.

(7)
Duas vezes analisei a pintura que
tem o animal. — 1, 2.

Rutra Luar.

♦♦♦

Sincopadas

(8)
3 — Este passarinho custa muito di-
nheiro. — 2.

Seria.

(9)
2 — Porque é que V. teima, se não
conhece esta dança? — 2.

Serigaita.

Combinada

(10)
+ TO = Saindo da brenha
+ PA = Ao jôgo não falha,
+ TO = Sempre em movimento
+ PA = Fora da muralha.

Mas não perde tudo,
Se há peixe miúdo.

Otopavlis.

♦♦♦

Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portu-
guesa com as letras da seguinte frase:

(11)
D.^{RA} CAROLINA PAIVA

Quim Mosquito.

(12)
JAPONEIA

Otter.

(13)
O' VIDAL, VOCÊ NÃO FAZ?...
Horaciano.

♦♦♦

Tipográficos

(14)
I MULHER
A

Rei do Orco.

♦♦♦

Provérbio a adivinhar

(Ao camarada Sepol)

(15)
Tenho em casa uma sopeira
Que é por sinal bem catita
Mas que perde a estribeira
Logo que lobra um guita!

Disse-lhe há dias: — Maria
Vá num pronto, por favor,
Ali à mercearia
Comprar um abanador. —

Uma hora é já passada
Entra ela qual tufão
E em vez da encomenda dada
Trouxe um litro de feijão!

«O' Maria em que estado
A sua cabeça anda!
E' certo o velho ditado:

.....

Serigaita.

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Novamente nos vemos forçados a dividir em dois números as quadras recebidas, motivo pelo qual só na próxima semana daremos a quadra da redacção e a relação das premiadas.

Tem 20 anos e não gosta,
A coisa é de estranhar;
Quando vires a primeira vez,
Hás-de ver e hás-de gostar.

Tiro-Tino.

Tenho uma coisa escondida
Que um dia te hei-de mostrar...
Um mimo d'amor, querida,
Hás-de ver e hás-de gostar.

Zephiro.

Tenho já para os teus anos
A prenda que te vou dar
Em paga aos teus modos lhanos...
Hás-de ver e hás-de gostar.

Alfredo Cunha (Raza).

Vamos já à Foz ó meu amor!
Para no mar te beijar,
Neste dia de calor
Hás-de ver e hás-de gostar.

Hó! Rei Artur 1.º.

Eu tenho aqui um brinquedo,
Muito lindo, p'ra te dar;
Não estejas já com medo:
Hás-de ver e hás-de gostar.

Lopes Pereira.

Teresa, linda Teresa,
Uma coisa te vou dar;
E tenho quasi a certeza:
Hás-de ver e hás-de gostar.

Sepol.

Tens uma cara tam feia
Que te não posso gramar,
Vou seguir outra ideia
Hás-de ver e hás-de gostar.

Delfim de Freitas.

No dia da tua boda,
quando à hora de deitar
a noiva se despir tôda,
hás-de ver e hás-de gostar!...

Arievilo.

Se um dia tu arrebitas
E arranjas com quem casar,
Hás-de ver coisas bonitas;
— *Hás-de ver e hás-de gostar.*

Adriano X. Nel.

Com tomates e pepino,
Prepara-se um tal manjar,
Que tu, «bebendo do fino»,
Hás-de ver e hás-de gostar.

Agá Larbac.

O' tu que aos nossos avós,
Os trajes ouvi gabar:
Vai ao banho, ali à Foz...
Hás-de ver e hás-de gostar.

Zé Barão.

Atenta no que te digo
E no que te vou mostrar;
Vais-lhe chamar um figo!...
Hás-de ver e hás-de gostar.

S. D.

Se abaxar-se um dia logra
p'ra qualquer coisa apanhar,
o que é bom à tua sogra
hás-de ver e hás-de gostar!...

R. & Z.

Vinhos, música e mulheres,
Tendo *deleite*, a nadar,
P'ra tristezas esqueceres,
Hás-de ver e hás-de gostar.

Caura.

Fazer de mim qual rodilha
Não queiras, fera, tentar,
Vou fugir com tua filha
Hás-de ver e hás-de gostar.

A. Ventura

Queres um conselho menino?
Vai a Espinho, à beira-mar,
e entra depois no casino!...
Hás-de ver... e hás-de gostar!...

R. & Zotta.

Quando houver por estes mundos
razão, justiça a falar,
os teus credores moribundos
hás-de ver e hás-de gostar!...

P.

Quando sem maillot nem nada
a mulher banho tomar,
então é que, «camarada»!,
hás-de ver... e hás-de gostar!...

Pinhões.

Escuta, amor; e tem fé.
Quando o «Pim-Pam-Pum» findar,
Hás-de ver o Sempre-em-pé,
Hás-de ver e hás-de gostar.

Zé Menes.

Tu nunca viste as estrêlas,
Numa noite de luar?...
Se nunca viste hás-de vê-las;
Hás-de ver e hás-de gostar.

Octávia Maria.

Se tu não me deixas ver,
Menos me deixas provar.
— Qual não! Tu 'stás a ler:
Hás-de ver e hás-de gostar!...

Pívedas.

Vê se adivinhas Lulu
O que tenho p'ra te dar?!...
É uma coisa que tu
Hás-de ver e hás-de gostar.

M = 2.º.

Teu lindo corpo donzela
Eu quero apreciar
Responde-me a tagarela
Hás-de ver e hás-de gostar.

Tom-Mix.

Disse eu a uma menina
Teu corpo me hás-de mostrar
Diz-me logo a pequenina:
— *Hás-de ver e hás-de gostar.*

Fantasma Negro.

Nas breves noites de verão
E com um calor de rachar,
Se fôres à exposição,
Hás-de ver e hás-de gostar.

Zangorlipanfas.

És minha e eu sou teu
Já que nos vamos casar
Quando tenhas filho meu
Hás-de ver e hás-de gostar.

Otter.

Trazes há muito a mania
De meu corpo apreciar
Quando chegar esse dia
Hás-de ver e hás-de gostar.

Bébé Daniels.

Hás-de gostar, podes crer,
Hás-de ver, deixa-te estar,
Hás-de gostar de fazer,
Hás-de ver e hás-de gostar.

Seravat.

Glória ao mérito!

Resposta ao Comitão das Tripas.

Daquela negra cova a que desceu,
Não pode soltar pio o meu *Tripeiro!*
Mas eis-me como seu testamenteiro
Fazendo frente ao novo imigo seu!

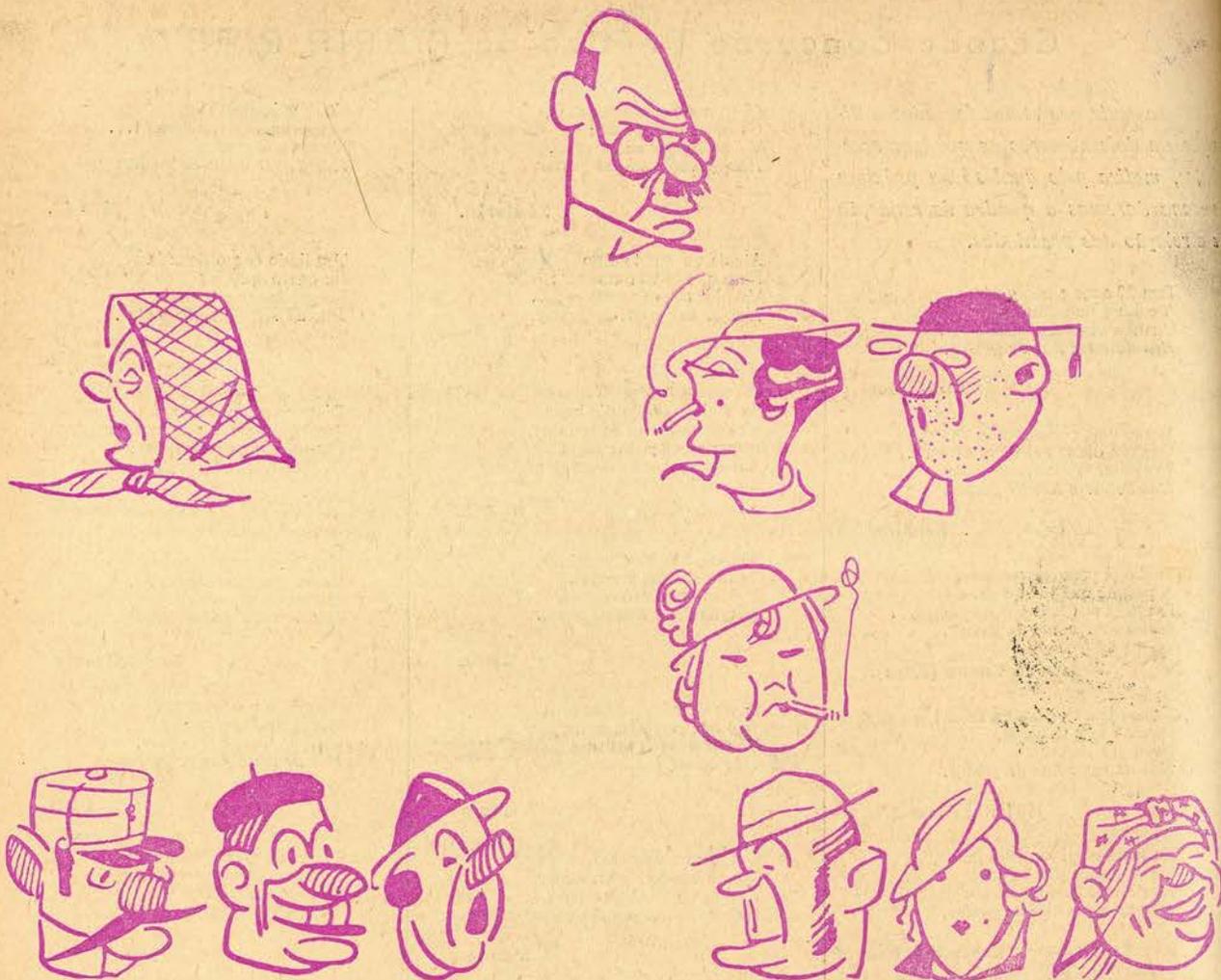
O' *Comitão das Tripas*, ó sandeu
Que afrontas um defunto sem... dinheiro!
Hás de ir ter ao inferno, todo inteiro,
Em castigo do feio gesto teu!

A' tal Academia do bom Dantas
Irás tu, que és artista consumado,
Em prémio d'obras tuas tais e tantas

Com que pões todo o mundo alvoroçado!
Mas se aos fumos da glória te atarantas
Ficando para sempre apatetado,

Algum dia te calha — ó desconsolo! —
Em vez de tripas, darem-te o miolo!

Zé da Sé.



Nome

Pontos

Morada

(Cortar por aqui)

No próximo número damos a lista dos pontos obtidos por cada concorrente referente à terceira semana.

A lista da 2.^a semana vai publicada na 2.^a página

Quem quiser concorrer, não tem mais que marcar na gravura acima, **seis** dos 11 bonecos publicados. A marcação pode ser feita de qualquer forma: ou cortando ou riscando, os seis bonecos em que deseja acertar. Depois remetem a **barraca** para a nossa redacção até à próxima quinta-feira.

No próximo número, será publicada esta mesma gravura sem os **cinco** bonecos que tem de morrer esta semana, de acôrdo com o envelope lacrado correspondente à terceira, que está exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto. **No número seguinte daremos a lista dos concorrentes e dos prémios atribuídos a cada um.**

Pede-se o favor de reclamarem no caso de não estar de acôrdo o número de pontos atribuídos. A tudo se dará resposta, porque nos concursos da MARIA RITA impera a

Honestidade e o Escrúpulo

Segundo o plano do concurso, quem quiser começar neste número tem de remeter junto a esta as barracas da 1.^a, 2.^a e 3.^a semanas sem qualquer marcação, sendo-lhe atribuídos seis pontos referentes a essas semanas.

Visado pela Comissão de Censura